

# Artigos Originais

## A ENFERMAGEM NO SÉCULO XXI: VISÃO DOS ENFERMEIROS

NURSING IN THE XXI CENTURY: NURSE'S VISION

LA ENFERMERÍA EN EL SIGLO XXI: LA VISIÓN DE LA ENFERMERÍA

MARIA IMACULADA DE FÁTIMA FREITAS\*  
ESTELINA SOUTO DO NASCIMENTO\*\*

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar a visão de enfermeiros sobre as perspectivas futuras para a profissão. Para a coleta de dados utilizou-se questionário contendo uma questão aberta: "Qual futuro você vislumbra para a Enfermagem no século XXI?" Os resultados mostram visões que se dirigem para dois pólos. Um, da Enfermagem como a profissão do futuro, quando estabelecer-se-á uma delimitação mais precisa do seu campo de ação na área da saúde e o reconhecimento da importância da interdisciplinaridade para o crescimento da Enfermagem. O outro pólo aponta para a possibilidade do seu desaparecimento, considerando:<sup>(1)</sup> as indefinições relativas à ação;<sup>(2)</sup> a falta de combatividade dos profissionais; e <sup>(3)</sup> a ênfase nos aspectos técnicos. Entre esses pólos, alguns sujeitos não vislumbram mudanças para a Enfermagem.

**Palavras chaves:** *Enfermagem, Formação profissional, Prática profissional*

**F**im de século. Aproxima-se, rapidamente, o terceiro milênio e com ele, um convite à reflexão. O prenúncio de um fim propicia o desejo de desvendar o que poderá ser o futuro. De modo especial, quando sentimos que algo se acaba, que uma etapa parece vencida, tentamos desvendar o que nos espera do outro lado dessa morte. Morte em sentido amplo, vista como o fim de alguma coisa: vida, relacionamento, trabalho, dia, semana, mês, ano, século...

Aproximamo-nos de um fim, não só de século, mas de milênio. O limiar de um novo milênio exerce uma atração misteriosa, que suscita interrogações, que coloca questionamentos sobre o que se está construindo, como pergunta Castoriadis<sup>(1)</sup>: "o que havia no 'velho' que, de uma forma ou outra, estava 'preparando o novo' ou estava a ele relacionado?" Perguntas sobre o futuro, sobre o que ficará do velho no novo e, ainda, sobre o que será de tão novo que pode vir pela frente.

Com essa aproximação, vem à tona todo o imaginário construído sobre os acontecimentos previstos para o ano 2.000. Não só a morte dos anos 1.000, mas a previsão de que "um mil passará, mas dois não chegará" causa um certo frisson e uma ansiedade de poder ver esse momento chegar. Poucos anos restam para o tão esperado, desejado, temido, recusado

milênio: motivo que conduz a uma quase frenética busca de "prospecção" sobre o século XXI.

Neste particular não existem indiferentes. Cada um faz sua previsão para o "novo mundo" que está por vir. Há os que revelam mais otimismo, mostrando vislumbrar um mundo diferente onde a tendência será de melhoria da situação atual. Outros revelam pessimismo, encarando o mundo no próximo milênio pelo lado mais negativo, prevendo uma piora do estado atual das coisas. Entre esses dois perfis há, ainda, pessoas que projetam para o próximo século uma simples continuidade do que ocorre atualmente.

Os enfermeiros, enquanto pessoas e profissionais, também não são indiferentes a essa nova era que se aproxima. Trará ela um contorno prospectivo mais preciso da Enfermagem? De que modo esses profissionais traçam um desenho para o amanhã da profissão? O que significa para a Enfermagem este novo século? Uma continuidade ou um novo rumo? Há lugar no mundo do trabalho no século XXI para os enfermeiros?

Ninguém melhor que os próprios trabalhadores para exporem suas perspectivas pessoais dentro dessas reflexões. Para tanto, buscamos junto a enfermeiros um momento para que nos descrevessem essa visão prospectiva.

\* Enfermeira, doutora em Ciências da Educação pela Université de Bordeaux II, professora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais.

\*\* Enfermeira, doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, coordenadora do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre

Quotidiano em Saúde (NUPEQS) da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais.

O mundo passa por alterações profundas, numa rapidez vertiginosa, tanto de conteúdo como de forma, nos processos de produção, nas relações sociais, nas estruturas econômicas e políticas, e nos modos de viver individuais e coletivos. Alterações essas visíveis e invisíveis, sobre as quais, muitas vezes, não paramos para pensar, para nos recolocar ou, simplesmente, para nos reconhecer nelas.

O objetivo desse trabalho é, então, fazer uma reflexão conjunta sobre o contexto no qual se insere a Enfermagem, apresentando a perspectiva de um grupo de enfermeiros sobre o futuro da profissão. Oferecer um tempo de reflexão sobre o presente vivido na enfermagem, uma vez que no presente está inserido o compromisso da construção do amanhã da profissão, a qual ainda será exercida por esse profissional ou por quem ele formar. Fizeram parte como sujeitos da investigação, enfermeiros, estudantes e professores.

Reconhecendo as limitações de um estudo que colhe informações de forma ampla, propusemo-nos iniciá-lo por meio de um questionário contendo uma questão: "qual futuro você vislumbra para a Enfermagem no século XXI?" O questionário foi distribuído, aleatoriamente, aos participantes do I Encontro Internacional de Enfermagem dos Países de Língua Portuguesa, promovido pela ABEn, em Salvador, em 1995, e aos professores da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, na mesma época, em número de 100 (cem) e 80 (oitenta), respectivamente. O instrumento continha um preâmbulo com o objetivo da pesquisa, os dados sobre titulação, cargo e campo da atuação profissional (atenção na rede básica, hospitalar, etc.), além da questão central, esclarecendo que se tratava de uma pesquisa de opinião, de resposta livre,<sup>(2)</sup> com prazo de entrega até o penúltimo dia do Encontro e de dez dias para os professores da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. A escolha desses locais foi, meramente, de oportunidade. O primeiro, devido à nossa participação no Encontro e o segundo, por ser nosso local de trabalho. Ao final da coleta de dados, contávamos com 31 (trinta e um) questionários respondidos. Os enfermeiros que responderam ao questionário são professores, gerentes de centro de saúde, chefes de enfermagem hospitalar, enfermeiros assistenciais de ambulatório, de centro de saúde e hospitalares, além de estudantes de graduação.

### Análise

A análise foi realizada sem categorias prévias, partindo dos discursos dos sujeitos, buscando identificar as enunciações indicativas do desenho que o profissional faz da profissão e os laços que ele tece entre o presente e o futuro da Enfermagem, no eixo da pesquisa qualitativa.<sup>(2)</sup>

As reflexões dos enfermeiros ao falarem do futuro que vislumbra para a Enfermagem do século XXI possibilitaram-nos compartilhar de suas esperanças, angústias, crenças e desejos referentes à profissão.

A análise aqui delineada resulta, pois, de uma reflexão conjunta de sujeitos - pesquisados e pesquisadores, implicados na

construção do presente da profissão, tendo como centro os discursos dos pesquisados.

Não foram encontradas diferenças significativas na visão sobre o futuro da Enfermagem, pelos enfermeiros participantes da pesquisa, quando relacionadas com a posição que ocupam na instituição onde trabalham, aos seus cargos e funções. As diferenças foram relativas ao conteúdo enunciado, separando-os em pessimistas e otimistas.

Os sujeitos pesquisados apresentam seus discursos a partir de suas próprias experiências, de forma dialética, enxergando pontos positivos e negativos, o que possibilita o delineamento de perspectivas polarizadas. A primeira perspectiva indica a Enfermagem como a profissão do futuro. A segunda mostra uma visão negativa do desenvolvimento da profissão, apontando para a possibilidade de seu desaparecimento. Entre esses pólos, os sujeitos vislumbra a Enfermagem permanecendo na situação atual, que é por eles chamada de 'indefinição dos contornos do seu campo de ação'. Estas opiniões de não-mudança aproximam-se muito da perspectiva negativa e serão, então, analisadas juntamente com esta. A polarização aparece nas duas categorias identificadas nos discursos dos enfermeiros. Uma categoria identificada refere-se à formação profissional e a outra diz respeito ao exercício e à valorização profissionais.

### A formação do enfermeiro

Do lado positivo, tem-se a Escola como lugar da dimensão crítica e da reconstrução de saberes, nem sempre atendendo às exigências do mercado, nem tampouco definindo-o, mas questionando-o e trazendo à tona, constantemente, as necessidades de saúde dos indivíduos e da coletividade. Nesse sentido, a escola é vista como lugar de confronto e idealização, que terá, cada vez mais, o papel de fazer emergir a compreensão do trabalho do enfermeiro como prática social fundamentada na mudança do paradigma da saúde, daquele centrado no biológico para o centrado no social. Este novo paradigma, para os que visualizam um futuro promissor para a profissão, traz a delimitação do seu campo de ação como singularidade diante da proteção e promoção da saúde e da idéia do doente e da doença e, paradoxalmente, a certeza de contornos mal definidos, porque exige a interdisciplinaridade, com o aporte de diferentes conhecimentos sobre a vida.

A interdisciplinaridade traz, também, uma interdependência entre as ações dos vários profissionais, refletindo na necessidade de uma formação que será ampla, voltada para aspectos que permitam ler o mundo, compreendendo e intervindo ao mesmo tempo.

Além disso, explicita-se o paradoxo: as mudanças tecnológicas estão cada vez mais solicitando conhecimento especializado; este, porém, só tem razão de existir fundamentado em compreensão ampla do homem e do mundo. Exigência, portanto, de um profissional com capacidade de pensar, de agir, de interagir e de decidir em um sistema complexo de informação e comunicação, usando a tecnologia de modo inteligente. Tal exigência traz como conseqüência a necessidade de uma formação mais ampla e geral em que, entre outras questões, o enfer-

meiro buscará compreensão a respeito do sentido da existência e da coexistência, da liberdade e da responsabilidade, da ação e do valor social da enfermagem, enquanto profissão que contribui na mediação entre os indivíduos e o sistema de saúde. Este parece ser o grande trunfo dos enfermeiros para manter e alargar seu espaço de atuação profissional, no próximos anos: teremos mais e mais avanços tecnológicos e especialização mas, também, o reconhecimento da necessidade de se compreender e lutar pela existência do homem no mundo. A Enfermagem, como uma profissão que traz nos seus fundamentos o Humanismo, será certamente aquela que contribuirá para o resgate dessa humanidade, da compreensão do homem diante da vida e da morte. Nesse sentido, ela é vista como uma profissão que traz também no seu campo de reflexão e ação uma ligação estreita com a filosofia, as ciências humanas, juntamente com os aspectos técnicos específicos de sua atuação. Assim, ela terá um lugar assegurado no século XXI, pois é a profissão que intermediará a 'recuperação' desse espaço do humano na área da saúde, sendo reiterada como a profissão da mediação entre os indivíduos e o sistema de saúde, dentro da sociedade. A discussão sobre este papel de mediação coincide com os escritos de Petitat<sup>(3)</sup> especialmente no texto "La profession infirmière, un siècle de mutations":

"no enorme complexo médico-social que, no essencial, se erigiu durante os cem últimos anos, as enfermeiras ocuparam e ainda ocupam um lugar nevrálgico, aquele das relações vivas onde vêem articular-se as exigências tecnológicas e a pessoa, as leis gerais da ciência e os dramas dos destinos particulares. Mais prolongada e freqüente que a dos médicos, as enfermeiras tem o papel, junto aos pacientes, de interface e de mediação".

Preuncia-se, desse modo, apesar do avanço tecnológico, a formação generalista do enfermeiro. Este profissional de formação ampla atenderá a um mercado variado que busca qualidade e diferenciação na assistência. Presume-se um afastamento dos grandes atendimentos, nos quais impera a verticalização do planejamento e da execução das ações na área da saúde, para a organização e a ação fundadas no processo de trabalho horizontal e compartilhado, seja na assistência individual, seja na assistência coletiva dos problemas de saúde. Trabalho pensado a partir de pequenos núcleos locais e interdisciplinares, buscando conhecer não só a demanda espontânea, mas também a demanda construída pelas necessidades. Esta perspectiva está, pois, em contradição com o que ocorre hoje no sistema de saúde que mantém, na prática, uma parte da população excluída de qualquer assistência: os "não-clientes" desse sistema. Prevê-se que o embate se dará para que o direito à saúde seja um direito à qualidade de vida para todos, incluindo-se, obrigatoriamente, esses excluídos de hoje, formando redes de solidariedade entre todos - profissionais, clientes e não-clientes. Nesse sentido, a cidadania é, também, vista como uma responsabilidade coletiva. Para os participantes da pesquisa, o trabalho em saúde é dirigido, pois, na busca da qualidade de vida, que não pode fundamentar-se somente na demanda explícita, nem somente na doença, tampouco em atividades puramente técnicas.

As relações enfermeiro e cliente, enfermeiro e não-cliente, apresentam-se enquanto coexistência. A partir desse conjunto resulta não mais a expectativa de uma identidade profissional, mas uma forma que permite o reconhecimento do outro: uma conformação, uma identificação.

A identidade é aquilo que permite estabelecer a existência de características idênticas para coisas ou pessoas e coletivamente é, então, considerada pela aptidão de um determinado grupo reconhecer-se como tal: "em relação ao exterior do grupo, a construção de uma identidade coletiva implica um movimento de diferenciação, a partir do qual afirma-se a autonomia coletiva. No seu interior, ela provoca, ao contrário, um efeito de fusão que esconde a pluralidade de relações", afirma Boudon et al.<sup>(4)</sup> A identificação é tomada no sentido de 'ação de se identificar aos outros' pelo desejo e pela compreensão dessa pluralidade de relações que leva os indivíduos a pertencerem a múltiplos grupos e instituições. Ela congrega identidades distintas na direção umas das outras.<sup>(5, 6)</sup> A identificação se dá no espaço do subjetivo de cada um e possibilita às pessoas a virtude da generosidade. Esta é aqui entendida, concordando com Comte-Sponville,<sup>(7)</sup> como "a virtude do dom", "não se tratando de 'atribuir a cada um o que é seu', como dizia Spinoza a propósito da justiça, mas de lhe oferecer o que não é seu, o que é de quem oferece e que lhe falta".<sup>(7)</sup> Assim, a generosidade é mais que a solidariedade, como nos afirma o referido autor, pois a segunda é, objetivamente

"o fato de uma coesão, de uma interdependência, de uma comunidade de interesses ou de destino... é pertencer a um mesmo conjunto e partilhar, conseqüentemente, - quer se queira, quer não, quer se saiba, quer não - uma mesma história" (solidariedade objetiva)... e "como estado de alma, a solidariedade nada mais é que o sentimento ou a afirmação dessa interdependência".<sup>(7)</sup>

enquanto a generosidade (que pode ser motivada pela solidariedade mas que vai além dela) "nos eleva em direção aos outros... em direção a nós mesmos enquanto libertos de nosso pequeno eu". Para esse autor, a generosidade é uma virtude plural,

"tanto em seu conteúdo como nos nomes que lhe prestamos ou que servem para designá-la. Somada à coragem pode ser heroísmo. Somada à justiça, faz-se equidade. Somada à compaixão, torna-se benevolência. Somada à misericórdia, vira indulgência. Mas seu mais belo nome é seu segredo que todos conhecem: somada à doçura, ela se chama bondade".<sup>(7)</sup>

A identificação constitui-se no dinamismo da relação, dos acontecimentos e da própria vida. Independente da velocidade das relações estabelecidas, o que caracteriza a identificação é o sentido da interação com o outro. É no relacionamento enfermeiro, cliente e não-cliente que a face desse trio mostra-se. Não é apenas uma identidade, um perfil que aparece nessa relação: nenhum deles pode ser definido sem o outro. Nesse caso, tanto o lado de sombras como o lado iluminado das interações deixam-se ver na e pela intensificação ou redução da luz.

Nessa ótica, a saúde é vista como um direito de todos, reconhecidamente ligada à cidadania. Vista como um direito de

cidadania, a saúde significa luta e, para ela, a Escola é chamada tanto a reelaborar conteúdos como a refazer suas concepções metodológicas de educação.

Do lado negativo, os profissionais interrogados explicitam uma visão da formação desarticulada e distante da essência do trabalho, insistindo no caráter puramente biológico da saúde-doença, numa escola que continuará "velha". Nesse caso, afirma-se que a formação ainda está muito voltada para a valorização dos aspectos técnicos da assistência e, mesmo mantendo um discurso da importância do papel assistencial do enfermeiro, privilegia as atividades de aprendizagem centradas na administração dos serviços, principalmente nos aspectos burocráticos da organização hospitalar e dos serviços básicos de saúde.

Para aqueles que não vislumbram um futuro promissor para a profissão, as deficiências encontram-se no sistema de formação e no quadro das instituições de serviços. No primeiro, não se conseguiu avançar na qualificação dos recursos humanos disponíveis no mercado, o que contribui para manter a assistência à saúde realizada nos serviços por uma maioria de atendentes. No segundo, parece haver descaso real quanto às próprias finalidades da assistência à saúde, sem uma preocupação concreta de se qualificar os trabalhadores. E essas dificuldades perdurarão no futuro, segundo esses participantes da pesquisa. Porém, esses mesmos sujeitos afirmam que a saída, para os fatores impeditivos do crescimento da profissão, está na redução da distância entre uma elite qualificada e uma massa de trabalhadores não qualificados, com o comprometimento dos profissionais, articulados com as escolas e os serviços de saúde.

Nesse sentido, tanto para aqueles que levantam pontos positivos como para os de visão negativa, estabelece-se uma relação clara entre a formação e as necessidades de saúde da população, formação e vontade política por parte do Estado para conformar o mercado de acordo com "um novo modelo de assistência adequado às exigências e avanços democráticos de uma saúde universalizante, com equidade e resolutividade compatíveis com as demandas populares", concordando com os pesquisadores do Nerhus/Ensp/Fiocruz<sup>(8)</sup> em artigo intitulado "Saúde: Quem são os vilões da história?"

### Exercício profissional

Para os enfermeiros que refletem sobre o presente, vislumbrando uma perspectiva otimista para o futuro da profissão, a Enfermagem tem lugar assegurado no século XXI. Essa certeza vem da crescente demanda de serviços de enfermagem, associada à necessidade de prevenção e controle das chamadas doenças da pobreza, das doenças crônico-degenerativas e dos agravos decorrentes da violência, assim como pelas mudanças no perfil demográfico do País, com o aumento da idade média do brasileiro, e conseqüente previsão de crescimento da população idosa, que irá exigir, fundamentalmente, transformações no processo de trabalho em saúde, com a enfermagem ocupando um largo espaço de atuação.

A fala de Villaschi<sup>(9)</sup> contribui nessa visualização do futuro, comentando a mudança de paradigma do fordismo, ainda presente neste final do século XX, para o da tecnologia de informa-

ção, que deverá ser o do século XXI. Para este autor, a mudança de paradigma irá permitir novas atividades, com novas demandas e com forte componente social:

"Na medida em que o novo paradigma favorece o surgimento de empreendimentos de menor porte e com exigências diferenciadas de qualificação de mão-de-obra e absorção cada vez maior da força de trabalho feminina, crescem demandas por melhores programas de treinamento, maior autonomia na definição de horários de trabalho, assistência à maternidade e melhores creches, etc., mais que as tradicionais reivindicações por melhores salários."<sup>(9)</sup>

É com o autor citado que vários dos entrevistados concordam, reconhecendo um lugar de destaque para os enfermeiros como gerentes/organizadores da assistência à saúde voltada para a qualidade de vida.

Os enfermeiros em suas reflexões identificam, no entanto, desafios para a profissão que serão enfrentados e superados, referentes à cidadania e à interdisciplinaridade, fundamentais para esse novo projeto de sociedade.

Para os enfermeiros, a construção dos direitos de cidadania no que se refere diretamente à profissão, abrange, essencialmente, dois aspectos: um, ligado ao cliente, com ampliação do campo de responsabilidades sociais da Enfermagem, e outro, relacionado ao processo de trabalho na área da saúde, com previsão de mudanças no processo produtivo, pela valorização dos recursos humanos em Enfermagem.

A interdisciplinaridade, por sua vez, é concebida como espaço de conquista em direção às finalidades do processo de trabalho em saúde, que exigirá, cada vez mais, o cruzamento dos conhecimentos das ciências humanas e biológicas, abrangendo aspectos científicos, técnicos, humanísticos e éticos.

Alguns dos enfermeiros entrevistados levantam, porém, a questão da falta de definição do que seja a profissão Enfermagem. Alguns, ao falarem de "ilhas isoladas de incompetência" concordam com Pierantoni e Machado<sup>(10)</sup> que classificam a Enfermagem como semi-profissão, pela "ausência de um corpo de conhecimento específico, que lhe daria autonomia de decisão e ação, e a inexistência de um mercado de trabalho inviolável, que lhe assegure exclusividade e clientela".

Em contraposição, para aqueles que vislumbram positivamente o exercício profissional no futuro, esta aparente indefinição, antes de se constituir num problema, será um trunfo importante, pois, para se responder de forma pertinente às demandas sociais e de saúde, a interdisciplinaridade terá um peso muito grande e a Enfermagem já a contém nos seus fundamentos enquanto profissão.

Esta interdisciplinaridade proporcionará à Enfermagem avançar num projeto profissional, partilhando com os outros profissionais a direcionalidade técnica e de concepção política das ações de saúde. Ela é, pois, vista enquanto exigência de uma nova concepção do trabalho como prática social e ética, trazendo para o conjunto de trabalhadores em saúde, o estabelecimento de contornos cada vez mais fluidos do que seja a prática de cada profissional, salvaguardando-se as competências específicas.

Do lado dessa visão prospectiva positiva do exercício profissional, a reflexão dos enfermeiros segue outra via que indica desânimo, reclamações, sofrimento e sinais de desesperança com a profissão. Para os enfermeiros que refletem sobre o presente, vislumbrando um futuro não promissor para os próximos anos, essa é uma profissão fadada ao desaparecimento na medida que os profissionais, ao não se reciclarem e não se engajarem nas lutas políticas da sociedade, se distanciarão cada vez mais da essência do trabalho. Para esses, haverá, sim, lugar para a Enfermagem, porém, ela será exercida por técnicos e auxiliares.

Esses mesmos enfermeiros lembram, ainda, alguns mitos incorporados à representação da profissão, como abnegação e sacerdócio, que são considerados impedidores do desenvolvimento profissional. Tais mitos fundamentam o que foi se instituindo para a profissão mas, questionando-os e cruzando-os com as finalidades do trabalho da Enfermagem, os entrevistados apontam para a explicitação de conflitos internos da profissão, o que poderá propiciar, dialeticamente, seu ressurgimento no futuro.

#### Considerações finais

As reflexões colocadas pelos investigados foram tratadas em dois blocos de enunciações prevalentes: um primeiro, relativo à formação e um segundo, ligado ao exercício e à valorização profissionais. Não houve, neste estudo, preocupação de síntese, mas a de mostrar o caminho percorrido pelos enfermeiros em suas reflexões. Estas indicaram possíveis encaminhamentos da profissão nos próximos anos do século XXI.

Houve diferenças significativas na visão sobre o futuro da Enfermagem, pelos enfermeiros participantes da pesquisa, quanto aos conteúdos enunciados, separando-os em pessimistas e otimistas.

Se de um lado os otimistas têm uma visão de futuro promissor, com a garantia de um lugar assegurado no próximo século e alargamento do campo de ação, os pessimistas acreditam, por outro lado, que não haverá mudanças ou que a profissão tenderá ao desaparecimento. Os dois pólos, no entanto, concordam que a Enfermagem enfrentará desafios no interior da própria profissão, na relação com as demais profissões na área da saúde e com o conjunto da sociedade, desafios que lhe permitirão se repensar continuamente enquanto uma instituição dessa sociedade.

A formação, o exercício e valorização profissionais são as categorias encontradas para delimitar os eixos de análise dos discursos apresentados, trazendo a reflexão sobre o "velho" e o "novo" na profissão, que aponta para a sua continuidade e as transformações para o próximo século.

O novo será o reconhecimento social da profissão, do espaço da interdisciplinaridade como necessário ao desenvolvimento da vida em sociedade, carregando do "velho" um fundamento importante no trabalho do enfermeiro: seu fundamento humanista, aquele do lidar com a vida e a morte, individual e coletivamente.

Mas há também a indignação e a desesperança, visualizadas como sentimentos presentes nesse final de século, que apontam um futuro não promissor para a profissão. Esta se manteria num lugar marginal na atenção à saúde, pois, para os enfermeiros participantes da pesquisa, o trabalho continuará centrado no profissional médico. Este é o componente do "velho" que interfere negativamente na construção do "novo". Porém, na indignação e na desesperança há uma dinâmica. Há uma solidariedade em que todos se sentem iguais, idênticos e unidos por algo comum. Cada um tem em comum com o outro a condição de troca. Troca que permite visualizar no imaginário uma vontade coletiva de que a situação de hoje, no que ela tem de ruim, se modifique. A esperança traz a credulidade e uma resistência notável. Quando tudo parece perdido e até dizemos que não há mais solução, somos atraídos por algo novo que surge, que nos mobiliza: um projeto, uma jornada, um plano, um trabalho capaz de reinventar nossa ação e arrebatá-los para outro rumo dantes não pensado. Eis a dinâmica do mundo ou a nossa dinâmica enquanto pessoas mergulhadas nesse mundo.

Mesmo o sofrimento e a queixa generalizada criam vínculos entre os enfermeiros. Cria-se, a partir do pessimismo, uma identidade: enfermeiros sofredores, incompreendidos, sem apoio. É um "nós" contra "eles", um "eles" estranho a "nós". Essa diferenciação de uns em relação aos outros que esta identidade traz, tende a obscurecer as diferenças reais que nos atravessam: cada um de nós é diferente do outro, seja o nosso companheiro, o cliente, o não-cliente. O que pode nos unir não é somente a aparente identidade que nos torna homogêneos, mas a identificação que nos faz solidários na diferença. Na identidade, localiza-se o sofrimento, na identificação está o prazer de se estar com o outro, processos que permitem a complementação da solidariedade com a virtude da generosidade. A diferença que, aparentemente, nos separa, na verdade, nos une. Esta união passa a existir porque não precisamos mais a identidade de enfermeiros "sofredores, incompreendidos" ou simplesmente da identidade de "enfermeiros", em contraposição à de outros profissionais de saúde: com a identificação, estamos juntos com os outros, profissionais, clientes e os chamados não-clientes de hoje, numa mesma finalidade - a do reconhecimento da cidadania, dos direitos de todos à vida e à saúde.

A Enfermagem se coloca diante de alguma coisa que ultrapassa a simples explicação objetiva dos fatos, ela está diante da ruptura, da doença e da morte mas, também, diante da possibilidade de trabalhar para não se chegar a essa ruptura de maneira pré-determinada pelas "causas materiais", ou ainda pelas chamadas "causas do destino". A finalidade, quando se trabalha para a promoção da saúde, está ligada ao domínio amplo das formas que a sociedade se organiza, material e politicamente, para fazer face às necessidades das pessoas; mas também está ligada à cultura, aos modos de viver e pensar destas mesmas pessoas. A Enfermagem inscreve-se, pois, nesse contexto e lida, ainda, com a subjetividade dos seres humanos, colocando-se como a profissão da área da saúde que ocupa o

espaço de mediação entre os indivíduos, as instituições e o sistema sociais.<sup>(3)</sup>

O século XXI deve contar com enfermeiros capazes de contribuir com uma outra representação da saúde, não como um objeto a ser comprado, um bem vendido numa feira, mas uma construção que implica numa compreensão de qualidade de vida e de sabedoria, fundamentada certamente em conhecimentos biológicos, mas também filosóficos, antropológicos e sociológicos, de uma visão de mundo compartilhada.

"Nós não chegamos nunca a desfrutar completamente e bem de nós mesmos, sem o apoio do outro, já escrevia Rousseau. O amor, a afeição, a estima obtida e doada, uma vez presentes, não cessam nunca de nos tornar felizes. Os objetos que nos envolvem são meios ou 'tapa-miséria', a finalidade está nos outros sujeitos com quem nós convivemos ao longo da nossa existência e nas gratificações que eles nos oferecem... O que cada um espera é aquele algo mais de existência; o que só pode ser oferecido pelo outro".<sup>(11)</sup>

Tal é o pensamento de Todorov,<sup>(11)</sup> comentando o ensaio de Pascal Bruckner sobre a sociedade contemporânea, que reflete bem a visão dos enfermeiros sobre seu compromisso com o trabalho no próximo século, pois, em meio à desumanização do final desse século, que faz tantos tão pessimistas, as falas de todos os enfermeiros convergem para o resgate do subjetivo, do humano, da troca nas relações sociais, com a Enfermagem contribuindo efetivamente para que a saúde seja reconhecida como um bem e um direito.

#### Summary

*The main purpose of this paper is to present nurses' vision on their professional perspectives. Data was collected through a questionnaire of a single question: "What future do you envisage for Nursing in the XXI Century? The answers given show that the discourses reflect visions towards two poles. The first, that Nursing is the profession of the future because then will be established more precise delimitations of its role in the area of health care. In the future, according to this vision, the professional will be more valued also because of its contribution to interdisciplinary actions. The second pole points towards the possibility of the profession being vanished because:<sup>(1)</sup> of the lack of definitions regarding its role;<sup>(2)</sup> of absence of drive of its members; and <sup>(3)</sup> too much emphasis on technical aspects of its actions.*

**Key-words:** Nursing, professional formation, professional practice

#### Resumen

*El objetivo de la investigación es presentar la visión de la enfermería sobre las perspectivas futuras de su profesión. Para la obtención de los datos se ha utilizado un cuestionario donde había la pregunta básica: "Cual es el futuro que Usted ve para la enfermería en el Siglo XXI? Los resultados muestran que los discursos reflejan visiones opuestas. Una, de la enfermería como la profesión del futuro cuando se establece una delimitación precisa de su cuerpo de acción en el área de la Salud y hay el reconocimiento de la importancia de la interdisciplinaridad para el desarrollo de la profesión. La otra visión apunta para la posibilidad de la desaparición de la profesión de enfermería considerando las imprecisiones relativas a <sup>(1)</sup> la acción;<sup>(2)</sup> la falta de lucha de los profesionales; y <sup>(3)</sup> el énfasis en los aspectos técnicos. Entre estas dos visiones algunos sujetos no perciben cambios para el futuro de la enfermería.*

*tionario donde había la pregunta básica: "Cual es el futuro que Usted ve para la enfermería en el Siglo XXI? Los resultados muestran que los discursos reflejan visiones opuestas. Una, de la enfermería como la profesión del futuro cuando se establece una delimitación precisa de su cuerpo de acción en el área de la Salud y hay el reconocimiento de la importancia de la interdisciplinaridad para el desarrollo de la profesión. La otra visión apunta para la posibilidad de la desaparición de la profesión de enfermería considerando las imprecisiones relativas a <sup>(1)</sup> la acción;<sup>(2)</sup> la falta de lucha de los profesionales; y <sup>(3)</sup> el énfasis en los aspectos técnicos. Entre estas dos visiones algunos sujetos no perciben cambios para el futuro de la enfermería.*

**Unitermos:** Enfermería, Formación profesional, Práctica profesional

#### Referências Bibliográficas

- 1 - Castoriadis C. Os destinos do totalitarismo. São Paulo: L&PM, 1985: 35.
- 2 - Alves AJ. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. Cader. Pesq. de São Paulo, 1991; (77): 53-61.
- 3 - Petitat A. La profession infirmière, un siècle de mutations. In: Aïach P, Fassin D., Org. Sociologie des professions de santé. Paris: Ed. de l'Espace Européen, 1992: 161-86.
- 4 - Boudin et al. Dictionnaire de la sociologie. Paris: Larousse, 1989: 103.
- 5 - Hachette Dictionnaire du Français. Paris, 1987: 780-1.
- 6 - Ferreira ABH. Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980: 917.
- 7 - Comte-Sponville A. Pequeno tratado das grandes virtudes. São Paulo: Martins Fontes, 1996: 97-113.
- 8 - Nerhus/Ensp/Fiocruz. Saúde: quem são os vilões da história? Cader. RH., 1994; 1(3): 47-9.
- 9 - Villaschi A. Mudança tecnológica e emprego (qual? para quem? quando? onde?). Rev. Inst. Jones dos Santos Neves, Vitória, 1996; 1: 22-35.
- 10 - Pierantoni CRE, Machado MH. A formação em questão. Cader. RH., 1994; 1(3): 23-34.